

Banzo: uma ponte entre trajetórias passadas e presentes, e a resistência nos poemas de Conceição Evaristo.

Bruna Carla dos Santos¹

Centro Federal de Educação Tecnológica- CEFET MG,
brunakarlalee@yahoo.com.br

RESUMO

Este presente artigo objetiva analisar as estratégias poéticas utilizadas em poemas da escritora Conceição Evaristo, que compõem o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, destacando os percursos da memória individual e coletiva que neles se encenam. Procura-se discutir como, nos poemas em questão, o presente mostra-se construído pela revivência da história do povo negro brasileiro, herdeiro das tradições e experiência dos africanos escravizados, bem como essa experiência é passada aos descendentes, criando laços entre o vivido e o recordado. Nos poemas da escritora, o passado lembrado é motivação para um maior conhecimento de vidas subalternizadas que, todavia, não deixaram de legar aos seus descendentes exemplos de luta e de vivência afetiva em coletividade. Além disso, a memória retomada na escrita de Evaristo evoca traumas, recordações que cavam os rastros e os restos do processo de escravização no Brasil. E, ao suscitar o termo Banzo em seus poemas Evaristo, nos traz à luz toda a trajetória dos negros africanos vindos de África com suas experiências, vivências e reminiscências. Dentre os vários teóricos solicitados pelas análises, destacam-se Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, cujas reflexões reforçam o desejo de que as “escrevivências” da escritora possa ser compreendida em seus vários traçados poéticos.

Palavras-chave: Literatura. Afrodescendente. Poesia. Memória. Lugares de memória.

¹ Doutoranda pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais- Cefet e Mestre pela Pontifícia Universidade Católica-MG

ABSTRACT:

El presente artigo objetiva analisar las estrategias poéticas en los poemas de la escritora Conceição Evaristo que compone el libro *Poemas da recordação e outros movimentos*, destacando los percursos de la memória individual y coletiva y como ellos se escenan. Buscan discutir como los poemas en cuestión, mostra-se construído por la revivência de la historia del pueblo negro brasileño, herdero de las tradiciones y experiencia de los africanos esclavizados, bien como esa experiencia es pasada a los descendientes, creando lazos entre o vivido y o recordado. En los poemas de la escritora, o pasado lembrado es motivación para un mayor conocimiento de vidas subalternizadas que, todavía, no dejaram de legar sus descendientes ejemplos de lucha y de vivencia afectiva en colectividad. Además, la memoria retomada en la escrita de Evaristo evoca traumas, recordaciones que cavam los rastros y los restos del proceso de esclavización en lo Brasil. E, al suscitar el termo Banzo en sus poemas Evaristo, nos trae la luz toda la trayectoria de los negros africanos venidos de África con sus experiencias, vivencias y reminiscencias. Dentre teóricos estudiados se destacan Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, cuyas reflexión reforzam el deseo de las “escrevivências” de la escritora puedan ser comprendidas en sus varios trazados poéticos.

Palavras-chave: Literatura. Afrodescendente. Poesia. Memória. Lugares de memória.

Introdução:

Ao se valer de uma escrita poética construída com elementos memorialistas, Conceição Evaristo abarca uma “temática negra e recupera uma multifacetada memória ancestral que se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo” (DUARTE, s.d, p. 3). Com este revisitar dos fatos passados e este percorrer, poeticamente, lugares físicos e emocionais a que essa memória remete, a autora produz uma literatura que se fortalece com dados da memória da escravidão negra. Como outros escritores, Evaristo revisita os deslocamentos traumáticos do povo negro, e seus textos, como os de muitos escritores da atualidade, “registram aquilo que escapa aos livros de História” (Vasconcelos, 2016, p. 12).

E, por meio da reconstituição da memória, material de que se valem os textos de Conceição Evaristo, um eu afro-brasileiro, descendente de africano, se reconhece e se questiona, por mais que essa memória traga dores e traumas que são inerentes ao passado vivido pelos ancestrais de um eu que se sabe ligado a quem foi trazido para o Brasil como escravo. Outra marca da obra da escritora, que se mostra nos seus poemas utilizado em vários textos, é a que se constitui como traço identitário de uma escrita que assume memórias coletivas, até mesmo quando se refere a experiências vividas por quem diz “eu” no poema. “Recordar é preciso” porque o passado retomado ainda se faz atual. Por isso, nos poemas, contos e romances escritos por Evaristo, o passado traumático da escravidão e as trajetórias de indivíduos que vivem à margem da sociedade, isto é, negros, mulheres e velhos, herdeiros dos sofrimentos vividos pela diáspora negra, estão sempre presentes.

Em outro poema, Evaristo volta a assumir o lema “recordar é preciso”, porém de forma indireta. No poema “Todas as manhãs”, memórias individuais e coletivas da escravidão e do sofrimento impresso na cor negra da pele são revisitados.

Todas as manhãs

Todas as manhãs acoitam sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia

ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A revisitação do passado é acentuada na escrita e na vivência dos indivíduos marcados pela “agudíssima dor”, mencionada no terceiro verso da primeira estrofe. Nesta estrofe, a volta ao passado fica acentuada, bem como a ideia de que recordar é sempre doloroso. A aflição inerente ao ato de relembrar questões traumáticas que a memória retoma em forma de sonhos acalenta o não esquecimento de uma história que é como algo permanente no eu lírico. Os sentimentos fortes relacionados à escravidão, ao cativo e às reminiscências fomentam a necessidade de recordar o roubo de vidas que a memória revisita, como no trecho a seguir:

Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

Vale ressaltar que a luta para que essa memória se mantenha viva está simbolizada no uso do verbo “cavar”, porque é nesse exercício de escavação que o eu lírico remete à batalha diária da memória, buscada com “os punhos sangrando e dormentes”. Recordar o passado que ficou para trás para compor o presente, tecido com “a esperança roubada de outros homens”. Convém ressaltar o valor metafórico do verso “cavando, cavando torrões de terra”, em que a ação de cavar remete à revisitação constante do que ficou soterrado na história. No poema, o recurso da anáfora colocado no início das estrofes, a expressão “Todas as manhãs”, intensifica a lida da recordação, com a visita aos fatos do passado para que não sejam soterrados pelo esquecimento.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

O termo “banzo” referente à voz fortalece o clamor que se faz memória. Essa voz modulada pela dor, pela angústia busca expressar os sentidos de uma busca que marca os dias, todos os dias, e que se faz âncora de um desejo de vasculhar a memória do seu povo. O processo de recordar é marcado pela dor. Halbwachs quando discute a questão do “não-dito”, alude à angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou mesmo ao de se expor. De algum modo, a angústia de não conseguir expressar “a esperança roubada” dos muitos homens silenciados pela crueza da escravidão pontua o poema de Evaristo até a segunda estrofe. Halbwachs(1990) reflete sobre os processos geradores de silêncios, impeditores de fala e de manifestação, explicando que eles não são estanques e estão em perpétuo deslocamento.

E a partir desses deslocamentos que podemos tentar compreender os sentimentos que são expostos ou guardados na memória. No poema em referência, os versos referem-se a lamentações, choros e desabafos que, obrigados a se silenciarem, não puderem construir lugares de fala e de escuta. Visando à desconstrução desses impedimentos, os versos da última estrofe expressam a esperança em um tempo outro que desarma os silêncios e fertiliza a terra.

E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra

(EVARISTO, 2011, p. 20)

Halbwachs (1990) enfatiza que o longo silêncio sobre o passado está longe de conduzir ao esquecimento, pois ele pode ser percebido como a resistência com que uma sociedade ou um grupo se opõe ao excesso de discursos oficiais. Vemos estas “sementes de resistência” serem perpetuadas ou passadas de geração em geração, lembranças traumatizantes ou lembranças retomadas como um ritual “todas as manhãs” para se transformarem em esperança:

onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A memória como construção do sujeito que se diz nos poemas discutidos até aqui se refaz a partir de uma disposição para retomar o que ficou para trás ou do que pode ser construído em novos trajetos de existência. Como marca desses percursos está a intenção de revisitar as memórias silenciadas e de fortalecer formas de identidades definidas pelas vozes das memórias coletivas e individuais que lutam contra um discurso de apagamento de histórias vividas, no passado, pelos herdeiros das experiências e tradições dos africanos escravizados. Nesse sentido, podemos dizer que os poemas de Evaristo assumem o propósito de retomar essas histórias, tornando-as uma motivação para sua produção criativa de textos. Vasculhar as memórias silenciadas é assumir o direito à palavra para que, como salienta Jay Winter (2006, p. 75 sejam restauradas “novas identidades políticas e étnicas em várias regiões voláteis”.

É interessante destacar que esse movimento tende a crescer, pois, muitas vezes, a História e a Política não irão dar conta de investigar as histórias e micro-histórias de tantas vidas silenciadas. Winter (2006) considera que caberá à literatura, com sua forma de encenar as vidas marginalizadas, pondo em cena personagens subjugados e postos à margem, alterar esse cenário. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo, construída em narrativas e poemas que têm raízes fortes fincadas nas identidades coletivas e na história do povo negro, pode caracterizar uma “contra-história que desafia a falsa generalização na História” (Winter, 2006, p.72). Dialogando de certa forma com esse pensamento, a reflexão de Michel Pollak (1989) também enfatiza que retomar as histórias silenciadas por meio das memórias, lembranças e recordações é ordenar acontecimentos que balizaram uma existência por meio de laços que se constituíram na construção do indivíduo e na sua relação com os outros.

Há outro poema de Conceição Evaristo que caracteriza esse modo de lidar com as reminiscências. Referimo-nos a *Filhos na rua*, que, logo nos primeiros versos, alude a imagens também presentes nos poemas analisados até aqui.

Filhos na Rua

O banzo renasce em mim.

Do negror de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me a pele
que se alevanta em sóis
e luas marcantes de um
tempo que está aqui.

O banzo renasce em mim
e a mulher da aldeia
pede e clama na chama negra
que lhe queima entre as pernas
o desejo de retomar
de recolher para
o seu útero-terra
as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas....

(EVARISTO, 2011, p.19)

O poema, ao recuperar vivências que foram atropeladas durante anos, aborda o sentimento de pertencimento a uma história marcada pelo sofrimento do povo negro, significado em termos como “banzo”, “negror”. No poema, a palavra “banzo” assume diversos significados, mas guarda sentidos atrelados à sua raiz do quimbundon² “*mbanza*”, que significa, de acordo com alguns estudiosos, “aldeia”. Outros, como Clovis Moura (2004), dão outro sentido ao termo. No *Dicionário da escravidão negra do Brasil*, Moura afirma que o termo refere-se ao sentimento de melancolia em relação à perda da terra natal, ao estado de depressão que acometia os escravos logo que chegavam ao Brasil.

As explicações sobre a origem do termo “banzo” se fazem necessárias, porque em sua gênese que está o sentido buscado por Evaristo no poema *Filhos na rua*. O verso inicial do poema, “O banzo renasce em mim”, recupera o sentido da melancolia e da depressão que causavam a morte de muitos dos escravizados africanos, mas, ao mesmo tempo, parece reacender o sentido relacionado com “aldeia”, porque é esse sentimento de pertencimento a um grupo que impulsiona a continuação da luta pela causa do povo negro.

O sofrimento revisitado faz com que sejam lembrados o cativo e a servidão, retomando também as marcas físicas do corpo e as sequelas dos sofrimentos deixados na alma e na memória de quem conviveu com a dor. No entanto, como se expressa no poema, a “dor submerge revisitada/ esfolando-me a pele/que se alevanta em sóis/ e luas marcantes de um/ tempo que está aqui”. As marcas retomadas pela memória ajudam a

² Língua da família bantu, falada em Angola pelos Ambundos.

construir mecanismos de cura que se mostram em um “tempo que está aqui”. O tempo da retomada do passado é o do agora, e as marcas, ainda presentes no corpo e na alma, assumem outros sentidos. Ao recuperar o passado, a dor emerge dele “revisitada” e ajuda a compor outros sentidos, outras propostas de vivências.

O “banzo” que causou a morte de milhares de escravizados renasce como força que reitera a decisão anunciada no poema “Recordar é preciso”, quando se tem a certeza de que “recordar é preciso”. Recordar é o mecanismo que impele a composição de percursos da memória que os poemas de Evaristo retomam e também assumem. A dor traumática está na pele como um sinal visível que Jay Winter observa quando diz: “quando estes homens e mulheres carregam as cicatrizes de tais memórias, mesmo quando não receberam um arranhão”(WINTER, 2006, p.84). O teórico se refere à violência traumática vivida pelos negros africanos e pelos afrodescendentes. Estes, na atualidade, convivem com as sequelas desse trauma vivido de forma intensa e cruel por seus antepassados, algumas delas, inclusive, definindo o destino de seus descendentes. Remexer nessas memórias é se confrontar com vários tipos de violência que são recuperados e com outros que caracterizam os modos como os descendentes de escravos foram assumidos como estranhos na sociedade que os explora ainda.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. **Desafios da memória como fonte histórica:** esquecimentos, silêncios, mutações e realidades. Disponível em: <<https://goo.gl/IIYXBs>>. Acesso: 27 maio 2016.

BEZERRA, Kátia da Costa. A cor da ternura: tecendo os fios da memória. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUC Minas, 2012. p.117-130.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983. 220 p.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços Literários e suas expansões**. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397/1495>>. Acesso em: 09 out. 2016. (p. 1-15).

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 269p.

DUARTE, Eduardo Assis. **Conceição Evaristo:** literatura e alteridade. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafr>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-5).

_____. **Literatura Afro-brasileira:** um conceito em construção. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafr>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-10).

_____. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 63-79, jul. 2009.

_____. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil:** antologia crítica: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2011. p. 103-116. v.4. (Humanitas).

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2011. 95 p.

_____. **Literatura negra:** uma poética de nossa afro-brasilidade. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafr>. Acesso em: 08 set. 2016. (p.1-15).
FERREIRA, Amanda Crispim. **A memória em Poemas da recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo**. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafr>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-11).

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Políticas da memória e políticas do esquecimento**. Disponível em: <<https://goo.gl/N8kOPk>>. Acesso em: 27 maio 2016.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Apresentação. In: **Poéticas afro-brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; PUC Minas, 2012, p. 9-18.